

MARCIO MOREIRA ALVES

19 MAI 1996



de Brasília

Educar os ricos

Entre um e outro de seus programas de notícias, a CNN tem mostrado, por esses dias de primavera no Norte, multicores canteiros de tulipas na grande esplanada que parte do obelisco em homenagem a George Washington, na capital dos EUA. Embora viva numa terra onde há sempre árvores floridas, olho com certa inveja a espectaculosidade do renascer da natureza setentrional, e penso na importância de educarmos nossos ricos.

O que uma coisa tem a ver com a outra?, perguntarão. Nem sempre é fácil explicar o encadeamento das idéias. Nesse caso, porém, a ligação é direta. Num princípio de primavera em Paris, resolvi sair da cidade para conhecer, numa aldeola chamada Giverny, a casa onde Monet passara os últimos anos de sua longa vida, pintando as flores do jardim e os nenúfares de seu lago.

O reconhecimento da universidade da obra de Monet fez com que, pouco depois da II Guerra, quando a França não reconstruía plenamente a sua economia, um grupo de pessoas se organizasse para restaurar a casa singela e, sobretudo, para restabelecer o esplendor dos jardins abandonados. Os nomes desses benfeiteiros estão numa placa, logo à entrada da casa, hoje museu. São, em maioria, americanos e ingleses, mas há um brasileiro:

deixou as suas ações do banco, que hoje tem perto de cem mil alunos, espalhados nas escolas que ergueu pelo país. Norberto Odebrecht purga-se dos muitos pecados da sua empreiteira apoiando escolas técnicas na Bahia e a restauração de monumentos históricos. Recentemente, entregou ao povo de Salvador a biblioteca, o museu e a fachada do Convento de São Bento, recuperados. Mas e as outras empreiteiras, algumas até maiores? Onde estão os seus hospitais, as suas escolas, as suas parcerias universitárias?

Os bancos, que foram por muitos anos minas de ouro para os seus donos, costumam editar belos livros de arte. A coleção sobre os museus brasileiros editada pelo Safrá revela tesouros insuspeitados a quem aos livros tem acesso. O Real bancou a restauração da Biblioteca Nacional.

Walter Moreira Salles.

A contribuição de Walter fez com que eu, de certa forma, me sentisse também participante do salvamento daquela pequena jóia da natureza.

É ele um dos raríssimos brasileiros ricos que são civilizados ao ponto de entenderem que a riqueza que acumularam veio da sociedade e à sociedade deve ser em parte devolvida, através de benefícios à coletividade.

Tirando as Santas Casas de Misericórdia, secularmente sustentadas por doações e heranças de portugueses, o mais antigo caso de mecenato de um rico brasileiro que conheço é o de José Carlos Rodrigues. Era ele comerciante de café, viveu anos em Nova York, e juntou uma biblioteca de 2.646 raríssimos livros sobre o Brasil, que descreveu com precisão de historiador num catálogo publicado em 1908. Ainda em vida, doou o acervo inestimável à Biblioteca Nacional. A mapoteca do Itamaraty, uma das melhores do mundo, tem como base a coleção do barão do Rio Branco, que a usou como arma das arbitragens de conflitos territoriais que acrescentaram 900 mil quilômetros quadrados ao nosso território. Sem dar um só tiro.

O Hospital Gaffrée e Guinle, no Rio, que é hoje público, foi construído com o dinheiro dos sócios na exploração das Docas de Santos, mais ou menos na mesma época da doação de J. C. Rodrigues. Outras iniciativas semelhantes haverá pelo Brasil afora, mas são sempre exceção à regra do egoísmo, da indiferença e até do desejo de perpetuar o próprio nome dos ricos brasileiros.

Há algumas exceções, que merecem sempre ser assinaladas como exemplos. A mais importante é a Fundação Bradesco, a quem Amador Aguiar

Oscar Americano, um construtor paulista, criou um museu da civilização brasileira na sua mansão no Morumbi, em frente ao Palácio dos Bandeirantes. As casas de Raymundo Castro Mayer, em Santa Teresa e na Floresta da Tijuca, são dois dos mais freqüentados museus do Rio de Janeiro. Nem Oscar nem Raymundo tinham filhos. O capitalismo industrial já está suficientemente maduro no Brasil para ter criado alguns milionários e muitíssimos milionários. Eles se encontram até em cidades de porte médio.

Em Brasília, cuja proximidade com um Governo federal distraído nos seus gastos e cuja construção ainda está em curso, criou uma camada de ricos "emergentes" que se singulariza pela ostentação cafajeste da riqueza.

Nenhum deles, ao que eu saiba, se lembrou de dar o nome da mãe ou do pai a uma simples escola primária que tivesse construído.

As carências da educação no Brasil não se limitam ao ensino básico, nem esbarram sómente no corporativismo universitário. A sociedade muito lucraria se houvesse uma campanha para ensinar aos ricos que doar uma parte do que ganham é a melhor maneira de perpetuar a sua memória. Afinal, mortalha não tem bolso.

O sistema americano parece excelente. Há incentivos fiscais de até 50% do Imposto de Renda devido e, em contraponto, impostos sobre heranças que chegam a 40%. Ou seja: se o rico doar seu dinheiro em vida, pode deduzir do imposto. Se morrer sem fazê-lo, o Estado toma um quinhão dos herdeiros. O imposto sobre heranças é o que há de justo. Difícil é a perpetuação de privilégios. O diabo é que, no Brasil, ele não existe.